

REPRESENTATIVIDADE FEMININA EM ESPECIALIDADES MÉDICAS CIRÚRGICAS

FEMALE REPRESENTATION IN SURGICAL MEDICAL SPECIALTIES

REPRESENTACIÓN FEMENINA EN LAS ESPECIALIDADES MÉDICAS QUIRÚRGICAS

Amanda Helena Novaes Saldanha Ruy de Almeida¹

Ana Clara Abreu Lima de Paula²

Bruno de Freitas Ricardo Pereira³

Letícia Martins Dal Sasso⁴

João Pedro Matos Uchôa⁵

Letícia Jacobowski Ferreira⁶

Letícia Souza Mendes⁷

Nathália Lima de Oliveira Silva⁸

Maria Antonia Abreu Lima de Paula⁹

Monallisa Amanda Ximenes Mesquita dos Santos¹⁰

RESUMO: Ao longo de várias gerações, as mulheres que escolheram trilhar o caminho da carreira cirúrgica no Brasil enfrentaram obstáculos históricos significativos. Embora tenhamos assistido a um aumento gradual no número de mulheres na área médica ao longo dos anos, sua representação em especialidades cirúrgicas ainda permanece baixa. Essa disparidade é atribuída a uma série de fatores, que incluem a falta de confiança, a escassez de modelos femininos bem-sucedidos, a ausência de suporte institucional adequado para médicas que são mães e as pressões sociais e culturais arraigadas. Portanto, é de extrema importância reconhecer esses desafios e enfrentá-los de maneira proativa em nosso cotidiano. Apesar dos obstáculos, é crucial compreender que as mulheres possuem um potencial extraordinário para se destacar na cirurgia. Devemos encorajá-las a perseguir suas aspirações profissionais, desafiando os estereótipos de gênero e superando quaisquer preconceitos que possam surgir em seu caminho. A diversidade na medicina é essencial para um sistema de saúde mais inclusivo e abrangente.

1147

Palavras-Chave: Mulheres. Cirurgia. Equidade de gênero.

ABSTRACT: Over several generations, women who chose to follow the path of a surgical career in Brazil faced significant historical obstacles. Although we have seen a gradual increase in the number of women in the medical field over the years, their representation in surgical specialties still remains low. This disparity is attributed to a number of factors, including a lack of confidence, a dearth of successful female role models, a lack of adequate institutional support for female physicians who are mothers, and ingrained social and cultural pressures. Therefore, it is extremely important to recognize these challenges and face them proactively in our daily lives. Despite the obstacles, it is crucial to understand that women have extraordinary potential to excel in surgery. We must encourage them to pursue their professional aspirations, challenging gender stereotypes and overcoming any prejudices that may come their way. Diversity in medicine is essential for a more inclusive and comprehensive healthcare system.

Keywords: Women. Surgery. Gender Equity.

¹ Acadêmica de Medicina- Universidade Federal de Juiz de Fora.

² Acadêmica de Medicina- Universidade Federal de Juiz de Fora.

³ Acadêmico de Medicina- Universidade Federal de Juiz de Fora.

⁴ Acadêmica de Medicina- Centro Universitário Redentor.

⁵ Médico- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

⁶ Acadêmica de Medicina- Centro Universitário São Lucas.

⁷ Acadêmica de Medicina- Faculdade Nove de Julho.

⁸ Acadêmica de Medicina- Centro Universitário Presidente Antônio Carlos.

⁹ Acadêmica de Medicina- Centro Universitário Presidente Antônio Carlos.

¹⁰ Residente de Ortopedia- Faculdade de Medicina de Petrópolis/ Hospital Alcides Carneiro.

RESUMEN: A lo largo de varias generaciones, las mujeres que optaron por seguir una carrera quirúrgica en Brasil enfrentaron importantes obstáculos históricos. Aunque hemos visto un aumento gradual en el número de mujeres en el campo médico a lo largo de los años, su representación en las especialidades quirúrgicas sigue siendo baja. Esta disparidad se atribuye a una serie de factores, incluida la falta de confianza, la escasez de modelos femeninos exitosos, la ausencia de apoyo institucional adecuado para las médicas que son madres y presiones sociales y culturales profundamente arraigadas. Por lo tanto, es sumamente importante reconocer estos desafíos y enfrentarlos de manera proactiva en nuestra vida diaria. A pesar de los obstáculos, es fundamental comprender que las mujeres tienen un potencial extraordinario para sobresalir en la cirugía. Debemos alentarlas a perseguir sus aspiraciones profesionales, desafiando los estereotipos de género y superando cualquier prejuicio que pueda surgir en su camino. La diversidad en la medicina es esencial para un sistema de salud más inclusivo e integral.

Palabras clave: Mujeres; Cirugía; Equidad de género.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a Medicina não se limitou apenas a reconhecer as diferenças entre homens e mulheres, mas frequentemente se dedicou a categorizar essas diferenças, muitas vezes realçando supostas inaptidões femininas. Certas profissões sempre foram consideradas como domínio exclusivo masculino, com a medicina entre elas. O preconceito em relação às ocupações das mulheres em determinados campos existe há séculos.^{6,7} Até o advento do século XIX, em um período no qual a prática da Medicina não estava vinculada a licenças fornecidas por cursos oficiais - os quais, frequentemente, excluía as mulheres -, é possível encontrar inúmeras referências a mulheres cirurgiãs que desempenhavam suas atividades de maneira discreta, muitas vezes escondidas por trás de parentes do sexo masculino. Em determinados momentos históricos e regiões, essas mulheres corriam até mesmo o risco de enfrentar ameaças de morte caso sua identidade fosse descoberta.²

1148

No âmbito médico, as mulheres enfrentaram restrições severas, sendo-lhes proibido estudar em escolas de Medicina até 1879. Foi somente em 1887 que a primeira médica do Brasil conseguiu se formar na Faculdade de Medicina da Bahia, marcando um marco significativo na história da igualdade de gênero na profissão médica. Esse paradigma foi quebrado pela doutora Rita Lobato Freitas, que se tornou a primeira médica formada no país ao concluir seus estudos na Faculdade de Medicina da Bahia em 1887. Desde então, houve um aumento gradual no número de mulheres matriculadas em cursos de medicina. No ano de 1990, a participação das mulheres na força de trabalho médica no Brasil era de 30,8%, alcançando a marca de 50% do total de estudantes em 1993 e, posteriormente, se tornando a maioria em 2009.⁶ Após três décadas, esse número aumentou significativamente, chegando a quase metade da força de trabalho ativa, com um total de 222.942 mulheres formadas em medicina.⁷

No entanto, o crescimento significativo do número de médicos formados nas últimas três décadas não foi acompanhado pelo aumento proporcional de cirurgiões. Em 2020, o Brasil

contabilizou 34.479 cirurgiões gerais, dos quais 77,9% eram homens. Essa desigualdade é ainda mais evidente em determinadas subespecialidades cirúrgicas, como ortopedia e traumatologia, nas quais apenas 6,5% dos cirurgiões são mulheres, e em urologia, esse número é ainda menor, com apenas 2,3% de mulheres na especialidade.⁵

Observa-se, no entanto, que há uma tendência de feminização da medicina no Brasil, que tem sido evidente ao longo das últimas décadas e se acentuou recentemente. No período de 2000 a 2016, foram registrados 220.993 novos médicos, dos quais 49,3% eram homens e 50,7% eram mulheres. Ao analisar essa distribuição por ano de ingresso, nota-se um rápido aumento na porcentagem de mulheres médicas.⁷

As mulheres que desejam se tornar cirurgiãs enfrentam dificuldades como a falta de autoconfiança feminina e a ausência de modelos inspiradores de cirurgiãs de sucesso. Além disso, a falta de suporte institucional adequado para as mães médicas também é um problema recorrente. Esses fatores ainda estão presentes e provocaram o baixo número de mulheres cirurgiãs.² Apesar das inúmeras barreiras, existem estudos que apresentam dados favoráveis às cirurgias em comparação aos cirurgiões masculinos, como uma redução na chance de morte do paciente ao ser tratado por uma médica ou um maior número de condenações de homens cirurgiões por erros médicos.^{4,9}

De fato, a explicação para o fato de que a quantidade de mulheres que desejam seguir a carreira cirúrgica atualmente é relativamente baixa é uma questão extremamente complexa e multifacetada, desprovida de uma resposta única e simplista. Este é um campo onde uma série de fatores entrelaçados pode influenciar as escolhas individuais. Aspectos sociais, culturais, estereótipos de gênero profundamente arraigados, questões relacionadas ao equilíbrio entre vida pessoal e profissional, a falta de modelos femininos de referência, além da carência de apoio institucional, são apenas algumas das variáveis em jogo.

O objetivo deste artigo é direcionado para uma revisão da literatura, visando uma análise crítica dos desafios que atuam como barreiras para o crescimento do número de mulheres em especialidades cirúrgicas.

METODOLOGIA

Analisou-se artigos científicos, os dados foram coletados entre junho de 2023 e agosto de 2023, encontrados nas bases de dados PubMed, SciELO e Scopus, utilizando as palavras-chave “Women”, “Surgery”; “Women Surgeons” e “Gender Equity”.

DISCUSSÃO

A persistente predominância masculina entre os médicos em exercício no Brasil foi confirmada por dados recentes do estudo de Demografia Médica no Brasil. Em 2020, os médicos representavam 53,4% da força médica, enquanto as médicas compunham 46,6%. Comparando com cinco anos antes, em 2015, os médicos do sexo masculino ainda eram maioria, totalizando 57,5%, enquanto as médicas representavam 42,5%. Retrocedendo três décadas até 1990, as mulheres ocupavam uma parcela ainda menor, correspondendo a apenas 30,8% do corpo médico. Um ponto crucial a ser destacado é que a virada na proporção de gênero, em que as mulheres passaram a ser a maioria, ocorreu apenas em 2009 quando se analisam os novos registros médicos, o que sugere uma mudança significativa na demografia da profissão médica no Brasil.¹

No que diz respeito às especialidades médicas, a dermatologia se destaca como aquela com a maior presença de mulheres, enquanto a urologia é notoriamente dominada por homens. Esse padrão se repete consistentemente em todas as especialidades cirúrgicas, onde os homens ocupam a maioria das posições. A cirurgia geral, por exemplo, ilustra essa disparidade, uma vez que as mulheres representam apenas cerca de um quinto do total de profissionais dessa área.⁶

A falta de interesse das mulheres em seguir carreiras cirúrgicas é um tópico complexo, o qual não se resume a uma única explicação. Em meio ao século XXI, as mulheres continuam a enfrentar questionamentos sobre seus desejos de serem mães e seus planos pessoais, como se esses fatores pudessem determinar sua capacidade de se dedicarem à formação médica, enquanto os homens, que competem pelas mesmas oportunidades, não recebem esse tipo de escrutínio em relação a seus interesses. Ademais, a ideia de uma carga horária extensa e inflexível, a necessidade de abdicar de aspectos da vida pessoal, falta de modelos estimulantes para a carreira cirúrgica e falta de suporte institucional são importantes fatores que contribuem para o pequeno número de mulheres no cenário cirúrgico.⁶

Além disso, existem diversos fatores que contribuem para a estagnação na carreira daquelas mulheres que optam pela cirurgia. Entre eles, a cultura organizacional que perpetua uma estrutura de carreira rígida que tende a favorecer os cirurgiões do sexo masculino, criando uma dominância masculina e desencorajando o avanço das cirurgiãs. Também, a constante relação conflituosa entre trabalho e família coloca pressão sobre as mulheres, que muitas vezes se veem forçadas a fazer concessões em suas vidas pessoais devido às expectativas de gênero em relação a serem mulheres e mães. Essa dificuldade em equilibrar vida profissional e pessoal em uma estrutura de carreira tradicionalmente voltada para o público masculino desencoraja muitas mulheres a buscar progresso em suas carreiras.³

Outro fator importante é o inegável preconceito de gênero que as cirurgiãs frequentemente enfrentam. As mulheres são muitas vezes questionadas quanto às suas habilidades técnicas e cognitivas, embora estudos mostrem que cirurgiões e cirurgiãs apresentam níveis similares de competência. No entanto, o preconceito persiste neste ambiente, representando uma significativa barreira para o avanço das cirurgiãs em suas carreiras. Embora isso ocorra, evidências mostram que equipes com maior representação feminina apresentam melhores resultados clínicos e cirúrgicos.⁸

Outros desafios incluem equívocos sobre a falta de força física das mulheres, a longa duração da formação necessária, o rigor físico e emocional durante a residência e o estigma de gênero profundamente enraizado que desencoraja as mulheres a seguirem carreiras cirúrgicas. Um achado de extrema relevância é o fato de que a maioria das médicas relatou a presença de machismo ou preconceito, tanto por parte de pacientes como de colegas de trabalho, especialmente no contexto das cirurgias. Essa constatação se alinha de forma notável com estudos que demonstram que o fenótipo masculino inspira um percentual 25% superior de confiança em comparação ao feminino. Essa revelação implica que, em qualquer competição por cargos ou oportunidades, uma mulher precisa demonstrar ser pelo menos 25% mais competente do que seu concorrente masculino mais próximo para alcançar chances de sucesso equivalentes. 1151

Isso ressalta a persistência das disparidades de gênero e sublinha a necessidade contínua de combater estereótipos prejudiciais na área médica e em outras esferas profissionais.⁶

Apesar das inúmeras barreiras, existem estudos que apresentam dados favoráveis às cirurgiãs em comparação aos cirurgiões masculinos. Um estudo conduzido na Universidade de Toronto, no Canadá, revelou que pacientes tratados por médicas apresentaram uma redução de 12% na chance de morte, em um período de até 30 dias após o procedimento, se comparado aos pacientes tratados por médicos homens.⁹

Outro estudo, publicado na revista da Associação Catarinense de Medicina, analisou a prevalência de erros médicos em processos julgados pelo Tribunal Regional de Medicina de Santa Catarina. Os resultados demonstraram que a maioria dos médicos condenados por erro médico eram do gênero masculino e atuavam em serviços cirúrgicos.⁴

Em outro momento, foi publicado um estudo pelo Jornal Vascular Brasileiro que analisou a participação de mulheres brasileiras de até 45 anos de idade que estão atuando na área de cirurgia vascular por no máximo 10 anos. Foi constatado que quase $\frac{2}{3}$ dessas, nunca ocuparam cargo de gestão, assim como apenas duas mulheres até o presente momento presidiram a Sociedade Brasileira de Cirurgia Vascular (SBCV). É importante mencionar que a preferência

pela incorporação de profissionais do sexo masculino aos grupos de cirurgia arterial constitui uma barreira importante a ser vencida. No estudo em questão, cita-se Franco e Santos⁴, que abordam que características pessoais tidas como necessárias para a atuação dentro da área cirúrgica, como liderança, autocontrole, capacidade de questionamento, personalidade forte e algum grau de agressividade, são vistos como inerentes ao sexo masculino e estranhos à personalidade feminina.¹⁰

CONCLUSÃO

As mulheres, em seu cotidiano, deparam-se constantemente com uma série de desafios que precisam superar para se consolidarem como cirurgiãs. É fundamental abordar e enfrentar os estigmas que frequentemente as cercam, incentivando-as a ocupar os campos cirúrgicos, caso essa seja sua aspiração. Afinal, é inquestionável que as mulheres possuem igual capacidade que os homens nesse domínio, como evidenciado por inúmeras comprovações.

Como esta revisão literária pôde expor, mulheres são diariamente desafiadas a seguirem suas carreiras por conta de valores patriarcais enraizados na cultura não apenas do Brasil, mas em todo o mundo. Argumentos infundados como a necessidade de reprodução, necessidade de ser o alicerce familiar, ou a falta de força para assumir as responsabilidades que chegam com a vida de cirurgiã, acabam por tornar os ambientes de trabalho hostis e nada convidativos para que as mulheres tomem os lugares que desejam.

1152

Desse modo, para garantirem sua posição de poder em detrimento do sexo oposto, homens continuam a reforçar os estigmas e criar novas barreiras para que o sucesso feminino possa reverberar. Assim, os serviços tornam-se excludentes com mulheres, e passam a funcionar com o potencial abaixo do que poderiam, como mostrado em estudos que comprovam, por exemplo, a menor mortalidade de pacientes tratados por médicas. Portanto, fica claro que, o problema em questão, afeta não apenas a vida profissional de milhares de profissionais pelo país, mas também dos usuários do sistema que deixam de ser amparados por um sistema de saúde melhor e mais desenvolvido.

REFERÊNCIAS

1. DEMOGRAFIA NO BRASIL MÉDICA. [s.l: s.n.]. Disponível em:<https://www.fm.usp.br/fmusp/conteudo/DemografiaMedica2020_9DEZ.pdf
2. FRANCO, T.; SANTOS, E. G. DOS. Mulheres e cirurgiãs. Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, v. 37, p. 072-077, 1 fev. 2010

3. HIRAYAMA, M., & Fernando, S. (2018). Organisational barriers to and facilitators for female surgeons' career progression: a systematic review of the literature. *Journal of the Royal Society of Medicine*, 014107681879066. doi:10.1177/0141076818790661
4. KAMIJO, E. D. et al. Escolha da medicina como profissão e perspectiva laboral dos estudantes. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 45, n. 4, 2021.
5. MOTTER, S. B. et al. Women representation in academic and leadership positions in surgery in Brazil. *American Journal of Surgery*, v. 223, n. 1, p. 71-75, 1 jan. 2022.
6. PAULO, D.; ASSIS, M. da S.; KREUGER, M. R. O. Análise dos fatores que levam mulheres médicas a não optarem por especialidades cirúrgicas. *Revista de Medicina*, [S. l.], v. 99, n. 3, p. 230-235, 2020. DOI: 10.11606/issn.1679-9836.v99i3p230-235. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/150416>. Acesso em: 3 set. 2023.
7. SCHEFFER M, et al. Demografia médica no Brasil. São Paulo: FMUSP, CFM, CREMESP; 2018. Disponível em: <http://www.flip3d.com.br/web/pub/cfm/index10/?numero=15&edicao=4278>.
8. SOFIA WAGEMAKER VIANA et al. Women Representation in Surgical Specialties: Reflections about Gender Equity after the 34th Brazilian Surgical Conference. v. 49, 1 jan. 2022.
9. WALLIS, C. J. et al. Comparison of postoperative outcomes among patients treated by male and female surgeons: a population based matched cohort study. *BMJ*, p. j4366, 10 out. 2017. 1153
10. SILVA, F. C. S. et al. Mulheres na cirurgia vascular: uma breve análise do perfil brasileiro. *Jornal Vascular Brasileiro*, v. 17, p. 128-135, 13 jun. 2018.